

## Romain Gary, uma filosofia do amor

**Carla Alexandra Ezarqui\***

UNESP – Campus São José do Rio Preto

### RESUMO

Literatura e Filosofia se originam a partir da proposição de respostas a questões que envolvem o eu, o outro, a existência, o conhecimento, o amor, a morte, o bem, o mal, assim como todos os vícios e virtudes, ainda que o texto literário não se origine especificamente da necessidade de encontrar tais respostas, em um movimento de aspiração por verdades, como o faz o texto filosófico. Dessa forma, se, por um lado, atinge-se à verdade por meio da razão e de argumentos, por outro, a verdade é atingida a partir da criação artística e da ficcionalização da experiência do ser e de ser. Em se tratando dos romances de Romain Gary, a experiência dos afetos, e sobretudo do amor, são tão determinantes para o desenrolar da narrativa quanto o desencadeamento dos fatos de modo que as manifestações do amor ocupem um lugar central na trama. Considerando o princípio de que tanto a filosofia quanto a literatura possibilitam o conhecimento das questões mais essenciais do indivíduo e da sua experiência no mundo, esse artigo fundamenta-se no estudo de filosofia moral, desenvolvido por Nussbaum (1990), no qual a busca filosófica pelo conhecimento é guiada pela análise literária, objetivando analisar de que maneira a obra romanesca de Romain Gary contribui para a compreensão das relações definidas por meio de um termo tão abrangente quanto o amor, a partir da hipótese de que a ironia é o elemento linguístico que atribui ao conteúdo ficcional e narrativo seu caráter filosófico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance francês. Romain Gary. Filosofia. Amor.

### ABSTRACT

Literature and Philosophy originate from the proposition of answers to questions that involve the self, the other, existence, knowledge, love, death, good, evil, as well as all vices and virtues, even if the Literary text does not originate specifically from the need to find such answers, in a movement of aspiration for truths, as the philosophical text does. Thus, if, on the one hand, truth is reached through reason and arguments, on the other, truth is reached through artistic creation and the fictionalization of the experience of being and being. When it comes to Romain Gary's novels, the experience of affection, and especially love, are as crucial to the unfolding of the narrative as the triggering of events so that the manifestations of love occupy a central place in the plot. Considering the principle that both philosophy and literature enable knowledge of the most essential issues of the individual and his experience in the world, this article is based on the study of moral philosophy, developed by Nussbaum (1990), in which the philosophical search for knowledge is guided by literary analysis, aiming to analyze how Romain Gary's novelistic work contributes to the understanding of relationships defined by means of a term as broad as love, based on the hypothesis that irony is the linguistic element that gives fictional and narrative content its philosophical character.

**KEYWORDS:** French novel. Romain Gary. Philosophy. Love.

\* ORCID – carla.ezarqui@hotmail.com

Recebido em 31/08/2024  
Aprovado em 15/10/2024

## Introdução

“O inacessível, fabricamo-lo nós mesmos<sup>1</sup>.” (GARY, 1974b, p. 22, tradução nossa), afirmou o romancista Romain Gary, ao recordar um amor inacessível da juventude, em seu livro de confissões *La nuit sera calme*. Trata-se de um livro de memórias estruturado por perguntas e respostas que ficcionalizam o autor em uma entrevista igualmente fictícia, “fabricando”, portanto, a forma da verdade do sujeito, o que existe nele de mais essencial e inacessível, haja vista tudo o que lhe escapa no âmbito temporal e da inteligibilidade. Esta citação nos interessa, sobretudo, porque, em sua ambiguidade, aborda o procedimento de busca por uma “verdade”, pela verdade do ser, pelo que aparentemente foge à compreensão espontânea, devendo passar por um processo de “fabricação”, processo este a ser entendido como a racionalização e a imaginação. Dessa forma, se, por um lado, atinge-se à verdade por meio da razão e de argumentos, por outro, a verdade é atingida a partir da criação artística e da ficcionalização da experiência do ser e de ser. Portanto, partindo do princípio de que tanto a filosofia quanto a literatura possibilitam o conhecimento das questões mais essenciais do indivíduo e da sua experiência no mundo, esse artigo tem como objetivo analisar, à luz do pensamento filosófico, de que maneira a obra romanesca de Romain Gary contribui para a compreensão das relações definidas por meio de um termo tão abrangente quanto o amor.

Literatura e filosofia se originam a partir da proposição de respostas a questões que envolvem o eu, o outro, a existência, o conhecimento, o amor, a morte, o bem, o mal, assim como todos os vícios e virtudes, ainda que o texto literário não se origine especificamente da necessidade de encontrar tais respostas em um movimento de aspiração por verdades, como o faz o texto filosófico. Na literatura, as verdades se desprendem da maneira pela qual os fatos se desenrolam e do modo como as personagens agem diante de circunstâncias muito particulares, até porque enquanto a filosofia tende ao universal, a literatura se inclina ao individual, principalmente em se tratando do gênero romanesco e do modo como centralizou a representação em torno do sujeito e de sua consciência, no século XX. Portanto, como afirma Vieillard-Baron (2012, p. 8, tradução nossa): “filosofia e literatura se encontram, não em uma concepção da verdade, mas em uma certificação do verdadeiro pela linguagem<sup>2</sup>.” Sendo assim, a literatura permite analisar a experiência humana como não se é possível fazer a partir da observação, pois a palavra amplifica as razões que entrelaçam as ações às circunstâncias. Por conseguinte, interessa-nos a maneira como a narração do particular pode conduzir à reflexão em âmbito universal a respeito de determinadas questões do sujeito, de forma que a análise

---

1. “*L’inaccessible, on le fabrique soi-même.*” (GARY, 1974b, p. 22).

2. “*Littérature et philosophie se retrouvent, non pas sur une conception de la vérité, mais sur une attestation du vrai par le langage.*” (VIEILLARD-BARON, 2012, p. 8).

das relações afetivas entre personagens romanescas possa contribuir para a reflexão de um tema tão caro à filosofia como o amor. Assim, o estilo do autor se configura como o elemento da narrativa mais relevante para a realização deste estudo.

Para sustentar tal abordagem, fundamentamo-nos na obra de Martha Nussbaum, filósofa americana que, em *Love's knowledge: essays on philosophy and literature*, desenvolveu um estudo de filosofia moral no qual a busca filosófica pelo conhecimento é guiada pela análise literária, pois as formas de viver encontradas na literatura, em toda a sua complexidade, enriquecem o discurso filosófico. Chavel (2012, p. 98, tradução nossa), a propósito deste estudo, esclarece que Nussbaum não se limita a citar excertos para fins de exemplificação, mas “a análise filosófica compara os excertos e confronta a sua elucidação àquela da argumentação<sup>3</sup>”. Trata-se de uma abordagem filosófica do texto narrativo ficcional literário cujo objetivo é demonstrar a contribuição da literatura com a filosofia e que vai ao encontro do que nos propomos nesta pesquisa, pois verifica-se nos romances de Romain Gary um conteúdo que motiva a reflexão do amor enquanto questão filosófica. Como o título da obra mencionada indica, o amor também se faz presente no estudo de Nussbaum (1990), por meio do qual ela se detém em analisar, com base no universo romanesco, em que medida a conduta do indivíduo que ama corrobora o aprofundamento de um conhecimento moral, tendo em vista que a filosofia moral é orientada pelo bem viver.

O estilo é um elemento central da discussão de Nussbaum (1990, p. 3, tradução nossa), já que parte do questionamento do estilo essencialmente analítico e uniforme da produção filosófica, assinalando sua importância para a apreensão dos sentidos e do saber filosófico: “o próprio estilo faz suas reivindicações, expressa o sentido do que é importante. A forma literária não é separável do conteúdo filosófico, mas é em si mesma parte do conteúdo – uma parte que integra a busca e a afirmação da verdade<sup>4</sup>.” Para a filósofa, a literatura abarca a complexidade dos fatos na medida em que cria a tensão que os envolve. Na construção e desenvolvimento da personagem em uma narrativa, por exemplo, o texto literário tem condições de explorar o mundo das emoções que, muitas vezes, se confundem nas experiências do sujeito, tornando mais acessível a compreensão da ambiguidade dos sentimentos e, conseqüentemente, do quão injusto pode ser o julgamento de uma determinada atitude. Desde o prefácio, Nussbaum (1990, p. IX, tradução nossa) elucida que a “atividade emocional” tem o seu lugar na compreensão ética: “os ensaios defendem uma concepção de compreensão ética que envolve tanto a atividade

3. “L’analyse philosophique vient mettre en regard les extraits et confronter leur lumière à celle de l’argumentation.” (CHAVEL, 2012, p. 98).

4. “Style itself makes its claims, expresses its own sense of what matters. Literary form is not separable from philosophical content, but is, itself, a part of content—an integral part, then, of the search for and the statement of truth.” (NUSSBAUM, 1990, p. 3).

emocional quanto intelectual e prioriza, de certa forma, a percepção de determinadas pessoas e situações em vez de priorizar regras abstratas<sup>5</sup>.” Do mesmo modo, o particular predomina em sua abordagem, isto é, a análise de uma personagem, de um indivíduo contribui para o conhecimento da conduta do ser, o que não significa, porém, descartar totalmente o ato de pensar o sujeito a partir da observação de uma coletividade. Logo, a representação literária dos fatos exprime com precisão determinadas verdades ao mesmo tempo em que o estilo, como aponta Nussbaum (1990), por si só se empenha em motivar um entendimento mais aprofundado das verdades em questão.

Por outro lado, não se trata, segundo Nussbaum (1990), de considerar que toda e qualquer obra literária possa apresentar um valor filosófico, até porque esse valor é construído pelo modo como o texto é abordado. As obras são escolhidas de acordo com a emergência de problemas de ordem filosófica da representação romanesca. Não se trata, tampouco, de tomar a literatura por uma arte moralizante, nem de considerar que o discurso literário possa tender à conceitualização. Uma obra é tão particular e irreduzível quanto os mundos e os indivíduos que representa ficcionalmente, pois cada personagem, de maneira semelhante às pessoas, tem valores distintos, valores que se contradizem, nem todos esses valores são valores para todos e, nesse sentido, a experiência humana promove um enfrentamento incessante de valores, fazendo com que o indivíduo se constitua de uma associação única e sem precedentes de valores morais. Essa singularidade é igualmente responsável pela imprevisibilidade do sujeito, uma vez que o apego a certos princípios e o respeito a determinadas normas não garantem as suas escolhas e as suas decisões.

Desta forma, se o ato criativo explora as possibilidades sem se prender a uma representação exata do que acontece ou já aconteceu, a literatura permite um estudo mais amplo do ser à medida que conduz certas associações de valores ao extremo, possibilitando conhecer o enfrentamento do indivíduo com os seus valores. Por conseguinte, a literatura favorece a apreensão dos conflitos de valor não apenas porque amplia a visão sobre o emaranhado de causas e sentimentos que se encontram na sua origem mas também porque a leitura impõe um distanciamento, permitindo-nos ver o mundo fora dele. Deste modo, as situações são, em certa medida, experimentadas e interpretadas ao mesmo tempo. Assim, ainda que nos identifiquemos com alguma personagem, ela está posicionada fora de nós mesmos e avaliamos o desdobramento no outro de algo a que sabemos nos integrar, além de sermos levados a refletir sobre os limites da moral no contexto que nos é apresentado.

---

5. “The essays argue for a conception of ethical understanding that involves emotional as well as intellectual activity and gives a certain type of priority to the perception of particular people and situations, rather than to abstract rules.” (NUSSBAUM, 1990, p. IX).

Quando examinamos nossas próprias vidas, encontramos muitos obstáculos que alteram a visão, muitos motivos que nos levam à cegueira e à estupidez. O “calor do momento” causado pelo ciúme e pelo interesse pessoal se interpõe entre nós e a percepção amorosa de cada um. Um romance, justamente porque não se trata da nossa vida, nos coloca em uma posição moral favorável à percepção e nos mostra como seria ocupar essa posição na realidade. Encontramos, ali, amor sem possessividade, atenção sem preconceito, envolvimento sem pânico<sup>6</sup> (NUSSBAUM, 1990, p. 162, tradução nossa).

A partir desta “posição moral favorável à percepção” a emoção não se sobrepõe à razão, os sentimentos não se excedem, pois não é a própria vida que está em jogo; a emoção, ao contrário, torna-se uma aliada do pensamento tendo em vista que o distanciamento permite racionalizar os valores implicados na breve experiência “vivida” sob a perspectiva do outro, de forma que o romance se configure como “paradigma da atividade moral”, sendo esta uma das teses demonstradas por Nussbaum (1990, p. 148, tradução nossa). Portanto, ainda que literatura e filosofia se debrucem de diferentes formas sobre os aspectos da experiência humana, podendo, assim, contribuir para o conhecimento do ser, é a adequação do conteúdo filosófico à forma literária que permite ao pensamento analítico se apoiar na criação imaginativa, ou seja, o estilo implica na definição do conteúdo, como demonstra Nussbaum (1990).

É importante ressaltar, conforme Chavel (2012, p. 95, tradução nossa), que a abordagem de Nussbaum (1990) não se sustenta em uma concepção que anule o caráter conceitual da filosofia moral, mas tem como premissa o fato de que: “os argumentos e a teoria só fazem sentido se incorporados às histórias que elucidam ou sobre as quais tentam contribuir com um ponto de vista particular”<sup>7</sup>.

## 1. Romain Gary e sua obra

Romain Gary (1914-1980), romancista judeu de origem russa, consagrou-se como uma personalidade plural nos âmbitos pessoal, profissional e literário. Nasceu na cidade de Vilnius, atual capital da Lituânia, passou a maior parte de sua infância na Polônia e, aos quatorze anos, mudou-se com sua mãe para uma cidade do sul da França, de modo que durante toda a vida se viu na condição de estrangeiro e, por não ter mais voltado a viver em seu país de origem, não se identificava com nenhuma nacionalidade. Em sua carreira

---

6. “When we examine our own lives, we have so many obstacles to correct vision, so many motives to blindness and stupidity. The “vulgar heat” of jealousy and personal interest comes between us and the loving perception of each particular. A novel, just because it is not our life, places us in a moral position that is favorable for perception and it shows us what it would be like to take up that position in life. We find here love without possessiveness, attention without bias, involvement without panic.” (NUSSBAUM, 1990, p. 162).

7. “les arguments et la théorie n’ont de sens qu’à condition de s’incarner dans des histoires qu’elles viennent expliciter ou sur lesquelles elles essaient d’apporter un éclairage particulier.” (CHAVEL, 2012, p. 95).

profissional, após sua formação em direito, atuou como piloto das forças aéreas durante a Segunda Guerra Mundial, considerado herói da França Livre, foi contemplado com três medalhas: da *Croix de la Libération*, de *Compagnon de la Libération* e da *Légion d'Honneur*. Atuou também como diplomata, jornalista, cineasta e escritor. No que concerne à sua carreira literária, escreveu sob vários pseudônimos e publicou quatro romances sob o pseudônimo Émile Ajar, o principal dentre eles. Este pseudônimo lhe rendeu, pela segunda vez, o prêmio Goncourt, prêmio literário francês concedido apenas uma vez a um escritor. Tal feito surgiu do intuito de, ainda que “silenciosamente”, desmascarar a crítica que o considerava um escritor ultrapassado e sem interesse. Esta farsa, que durou seis anos, foi descoberta após o suicídio de Romain Gary.

Sua produção literária é marcada pelo contexto histórico da guerra, embora a vida sem grandes acontecimentos seja um cenário com adversidades o bastante para retratar as personagens em situações de muita vulnerabilidade. Suas personagens principais são seres vulneráveis em função dos fatos históricos, em função de sua história individual ou até mesmo pela ausência de uma história e de relações que lhe permitissem uma certa plenitude. A fragilidade das personagens as conduz a caminhos tortuosos em direção da restituição da humanidade do outro e de si mesmas. Um trecho de *La nuit sera calme* (1974b, p. 156, tradução nossa) exprime com precisão a problemática das personagens garyanas: “ninguém se sente bem na própria pele sem estar também na pele dos outros e isso deveria, de todo modo, causar alguns problemas, não é ?”<sup>8</sup> (Trecho de grande ambiguidade em francês). Desse modo, o Outro exerce um papel de grande importância nas narrativas a ponto da sua inexistência dar lugar a todo um romance, ou seja, a história de uma personagem é a história da ausência de alguém a quem se ama. “Estar na pele dos outros”, em toda a sua ambiguidade, compreende a presença do outro, fazer parte da realização do outro, se sentir como o outro se sente, portanto, as personagens são o que a solidão ou o não-amor as impede de ser ou de se tornar. O desenvolvimento das personagens é, de fato, um processo de humanização e, por esse motivo, a fraternidade e o amor nas suas diversas formas e impossibilidades ocupam um lugar central nos romances garyanos.

Em se tratando dos romances a serem estudados, *Gros-Câlin* (1974a), publicado sob o pseudônimo Émile Ajar, para o qual sugerimos o subtítulo “Da solidão ou da compensação afetiva”, tem como personagem principal Cousin, que vive com uma jiboia para suprir a solidão asfixiante de Paris, tendo em vista a intensidade da solidão ser proporcional ao número de pessoas existentes ao redor da personagem. Embora seja do conhecimento de todos que a jiboia mate a sua presa pelo rompimento da corrente sanguínea, a ideia do sufocamento, da presa, da troca de pele, do se sentir bem consigo mesmo,

---

8. “Personne n’est dans sa peau sans être aussi dans la peau des autres et cela devrait tout de même poser quelques problèmes, non ?” (GARY, 1974b, p. 156).

são ideias que se interpõem e se sobrepõem em toda a narrativa. *Clair de femme* (1977) ou, como propomos, “Da fatalidade ou da fraternidade entre o casal”, coloca em cena Michel e Lydia, unidos pelo acaso e pelo que os separa: a perda do ser amado. Ambos tentam fazer de seus desamores um caminho para o amar, apesar de os sentimentos despertados um pelo outro não passarem de uma quimera depois do naufrágio. *L’angoisse du roi Salomon* (1979a), igualmente publicado sob o pseudônimo Émile Ajar, pode ser compreendido a partir de dois subtítulos, pois apresenta dois desdobramentos diferentes: “Da compaixão ou do amor à humanidade” e “Da angústia ou da perda deliberada”. Sr. Salomon Rubinstein, um octogenário judeu que sobreviveu à perseguição nazista, ainda é apaixonado por Mlle Cora, que o deixara por um soldado alemão. Também apelidado Rei Salomon, Sr. Rubinstein tem bastante êxito no ramo do *prêt-à-porter* e mantém um S.O.S., ajuda humanitária aos que ligam para conversar e aos que ali trabalham como voluntários para compensar o fato de serem desprovidos de afeto. A história é narrada a partir do ponto de vista de Jean, um novo voluntário, responsável pela reconciliação entre Mlle Cora e M. Rubinstein.

## 2. A narração e o pensamento

A linguagem romanesca de Gary é uma linguagem permeada de revelações. O narrador nos apresenta flashes de lucidez de acordo com a sua forma de ver o mundo sem se desprender do fio condutor da narrativa, pois o estilo, a organização dos elementos da narração, dá lugar simultaneamente ao alcance e à apresentação de verdades, haja vista que o estilo cria as condições de sentido para a expressão, conforme Nussbaum (1990). As personagens vivem de maneira muito consciente como se a sua vulnerabilidade fosse proporcional à sua consciência, à sua capacidade de perceber o mundo, o outro e a si mesmo, permitindo flagrar ao longo das narrativas teses filosóficas as mais diversas, como, por exemplo, a consciência dos limites da razão:

Quando eu era pequeno, tinha vergonha do meu irmão mais velho porque ele tinha parado e ia continuar jovem para sempre. Eu o evitava. Ele tinha um olhar cheio de incompreensão, como se perguntasse quem lhe tinha feito isso e porque. Eu não sabia ainda que a incompreensão sempre vai mais longe que todo o saber, mais longe do que a genialidade, e que é sempre ela que dá a última palavra. O olhar do meu irmão está muito mais perto da verdade do que Einstein<sup>9</sup> (GARY, 1976, p. 23, tradução nossa).

9. “Lorsque j’étais môme, j’avais honte de mon frère aîné parce qu’il s’était arrêté et allait rester jeune pour toujours. Je le fuyais. Il avait un regard plein d’incompréhension, comme s’il demandait qui lui avait fait ça et pourquoi. Je ne savais pas encore que l’incompréhension va toujours plus loin que tout le savoir, plus loin que le génie, et que c’est toujours elle qui a le dernier mot. Le regard de mon frère est beaucoup plus près de la vérité qu’Einstein.” (GARY, 1976, p. 23).

Neste trecho, elementos como a visão do eu narrado e do eu narrante, o olhar do irmão, sua visão e seu aparente retardo, a ingenuidade infantil, a maturidade, o conhecimento, a ciência e a verdade se associam a partir de um estilo irônico, e que denota certo humor, para retratar os limites da razão ao mesmo tempo em que estende o sentido à sabedoria, pois o olhar do irmão só está muito mais perto da verdade do que Einstein, porque tem consciência da própria ignorância, isto é, no plano dos acontecimentos o retardo do irmão não o impediu de “questionar” a origem e a razão de sua condição. Ademais, evoca a contradição de ser necessário obter um certo conhecimento para compreender que não compreender também é uma forma de compreensão, portanto, que a incompreensão é uma verdade.

No próximo excerto, são apresentados alguns temas que interessam à filosofia: uma definição da solidão, “a definição mais justa da felicidade humana”, ser amado como definição de felicidade, não amar como definição de felicidade, a piedade como sentimento contrário ao amor, a necessidade de paixão para odiar e, ainda, o valor da indiferença:

[...] ele estava certo, pois a solidão não é viver sozinho, mas amar sozinho: nunca encontrar aquela que nunca lhe amará, eis, talvez, a definição mais justa da felicidade humana. Nas relações homem-mulher onde a piedade mata de forma certa o que tenta salvar, ele só podia esperar de Ann um pouco de ódio, mas ela não tinha para com ele esse ímpeto de paixão que é necessário para odiar.<sup>10</sup> (GARY, 1979b, p. 24, tradução nossa).

Portanto, este exemplo torna evidente a densidade da linguagem literária e o modo como a linguagem romanesca consegue abarcar diversas questões em uma breve passagem, orientando o pensamento filosófico por meio dos conflitos desencadeados no romance, na reflexão de em que medida a solidão se define, de fato, pelo amor não correspondido, em que medida não ser submetido à infelicidade de não ser amado é a definição mais justa de felicidade, em que medida a piedade indicia o fim do amor, pois quando há amor se ama, não se sente piedade, para quem essas questões são verdadeiras, em que circunstâncias elas se concretizam, quais as razões implicadas? Logo, o romance, ao exemplificar a manifestação de verdades, problematizando-as abre caminhos para o aprofundamento do estudo do ser.

Neste outro exemplo, a solidão é apresentada pela personagem por um outro viés, não se trata mais de amar sozinho, mas de não ter a quem amar e, consequentemente, não ser amado. Outra discussão de cunho filosófico suscitada pelo excerto

10. “[...] *il n’avait pas tort, car la solitude n’est pas de vivre seul, mais d’aimer seul : ne jamais rencontrer celle qui ne vous aimera jamais, voilà peut-être la définition la plus juste du bonheur humain. Dans les rapports d’homme à femmes où la pitié tue à coup sûr ce qu’elle essaie de sauver, il ne pouvait espérer d’Ann qu’un peu de haine, mais elle n’avait même pas envers lui cet élan de passion qu’il faut pour haïr.*” (GARY, 1979b, p. 24).

é a ideia de que o amor vale mais do que a vida, não no sentido de que se morre por amor, para que a pessoa amada possa viver, mas de que o amor vivido sobrevive à morte do ser amado.

– Você não pode compreender. Você perdeu toda a sua família no Camboja. Você tem em quem pensar. Mas eu nunca perdi ninguém. Não tive ninguém, nem mesmo um primo qualquer, dentre os seis milhões de judeus exterminados pelos alemães. Nem meus pais foram mortos, eles morreram prematuramente, com toda honra, antes de Hitler. Tenho oitenta e quatro anos e não tenho ninguém por quem lamentar. É uma solidão terrível de perder um ser amado, mas é uma solidão ainda mais terrível de nunca ter perdido ninguém<sup>11</sup> (GARY, 1979a, p. 34-35, tradução nossa).

Neste ponto, diante de perspectivas sobre a felicidade e o amor que se contradizem de uma certa forma, reforçamos a perspectiva de Nussbaum, segundo Chavel (2012, p. 92-93, tradução nossa): “Para Nussbaum, a filosofia moral deve ser sensível ao que os seres e as coisas têm de único: o contexto de uma questão moral sempre muda, e as pessoas que estão implicadas não se reduzem à réplica de um universal<sup>12</sup>.” Assim, de um lado, a solidão consiste em amar sozinho e, do outro, em não amar, ou seja, mais vale uma vida sem amor do que não ser amado e, de outro, de nada vale viver sem amar. Evidentemente, nos dois contextos as personagens tratam de formas diferentes do amor, no primeiro, o amor entre um homem e uma mulher e, no segundo, sobretudo, o amor familiar e de entes queridos. De todo modo, as passagens engendram uma reflexão sobre o fato de o amor ser maior do que o sofrimento da perda do ser amado e de o sofrimento de não ser amado ser maior do que o próprio amor.

O último exemplo desta apresentação do estilo de Gary, e da maneira como conteúdos filosóficos aparecem nas suas narrativas, traz à luz a questão da capacidade humana de se habituar mesmo às piores situações e, ao mesmo tempo, a indiferença à dor como mecanismo de sobrevivência ao sofrimento.

– [...] Eu estava com a senhorita Cora, agora há pouco. Ela é tão solitária, perdida e desesperada que eu a teria estrangulado. Entende?  
 – Mais ou menos.  
 – E, depois, me dei conta que era eu, que não era ela. Ela não sabe que é velha, perdida e infeliz. É o hábito. A vida, como droga, tem algo de semelhante. Ela tem

11. “– *Vous ne pouvez pas comprendre. Vous avez perdu toute votre famille au Cambodge. Vous avez à qui penser. Mais moi je n’ai jamais perdu personne. Je n’ai eu personne, pas un quelconque cousin, parmi les six millions de Juifs exterminés sous les Allemands. Même mes parents n’ont pas été tués, ils sont morts prématurément, en tout bien tout honneur, avant Hitler. J’ai quatre-vingt-quatre ans et je n’ai personne à déplorer. C’est une terrible solitude de perdre un être aimé, mais c’est une solitude encore plus terrible de n’avoir jamais perdu personne.*” (GARY, 1979a, p. 34-35).

12. “*Pour Nussbaum, la philosophie morale doit être sensible à ce que les êtres et les choses ont d’unique : le contexte d’une question morale est toujours changeant, et les personnes qui y sont impliquées ne se réduisent pas à la réplique d’un universel.*” (CHAVEL, 2012, p. 92-93).

seu pequeno conforto, como ela diz. Então, eu gostaria de saber: o que a vida tem? O que ela tem para nos fazer engolir tudo e ainda pedir mais? Sabe: inspira, expira, como se isso bastasse?<sup>13</sup> (GARY, 1979a, p. 173, tradução nossa).

Novamente, a ironia se sobressai na retratação de questões de grande seriedade como o fato de a vida longa prolongar o sofrimento ou, ainda, de a vida não valer a dor que causa e, face a esse sofrimento, ser preferível morrer. O estilo irônico, nesta passagem, acentua esse aspecto trágico da vida de que viver é estar sujeito à dor e, mesmo diante das dores que surgem consecutivamente, continuar desejando viver. Por consequência, o questionamento “O que a vida tem para nos fazer engolir tudo e ainda pedir mais?” evoca um tema explicitamente filosófico, que é a busca pelo sentido da vida e a incompreensão da personagem frente à satisfação de Mlle Cora implica que, assim como acontece em um romance, a vida do outro também pode nos proporcionar uma experiência moral, pois vemos com mais clareza situações nas quais não estamos envolvidos. É possível que essa personagem demonstre conformismo com relação a algo que foge do seu controle e principalmente que existam pessoas mais felizes do que ela prontas para provar da mesma incompreensão. Para concluir, esse trecho poderia instigar a seguinte reflexão: haveria algum sobrevivente se o “mais feliz” poupasse alguém “menos feliz” do que ele de viver? No entanto, o romance em sua representação explora a relação entre as personagens, a “(in)felicidade” de cada uma dentro das suas circunstâncias e, de acordo com o que elas apresentam de mais singular, a incompreensão revelada nesta passagem se torna compreensível.

### 3. O pensamento e a experiência do amor

Nos romances de Romain Gary, há sempre um raciocínio moral e ético implicado na trama, tendo em vista as narrativas problematizarem ou darem espaço à problematização dos valores e da conduta do indivíduo, como demonstrado a partir dos excertos. Em especial, trata-se de uma obra na qual as personagens estão, a todo o tempo, em confronto com o amor e envolvem-se em tentativas conflituosas para exercerem o ato de amar. Ao raciocínio moral e ético mencionado está implicada a ironia, sendo este o elemento estilístico de Gary que amplia os limites da narração de um conteúdo ficcional

13. “– [...] *J'étais avec mademoiselle Cora, tout à l'heure. Elle est tellement seule, paumée et désespérée que je l'aurais étranglée. Tu vois ?*

– *À peu près.*

– *Et puis je me suis rendu compte que c'était moi, que c'était pas elle. Elle ne sait pas qu'elle est vieille, paumée et malheureuse. C'est l'accoutumance. La vie, comme drogue, ça se pose un peu là. Elle a son petit confort, comme elle dit. Alors je voudrais savoir : qu'est-ce qu'elle a, la vie ? Qu'est-ce qu'elle a, qui lui permet de vous faire tout avaler et d'en redemander ? Tu sais : inspire, expire, comme si ça suffisait ?” (GARY, 1979a, p. 173).*

para a reflexão de questões essenciais do ser como o amor. Assim, embora, de acordo com Vieillard-Baron (2012, p. 7, tradução nossa), “a ficção literária não vis[e] à verdade teórica como tal. O desejo de verdade não é o objetivo principal do poeta e, neste ponto, ele se distingue do filósofo<sup>14</sup>”, a narração por si só engendra caminhos que se entrecruzam com a verdade.

No que tange aos romances selecionados para este estudo, no primeiro deles, *Clair de femme*, o encontro entre Michel e Lydia é fruto do desamparo em que se encontram as personagens: “A verdade era que a vida nos abandonara, um e outro, e é sempre o que se chama de encontro<sup>15</sup>.” (GARY, 1977, p. 11, tradução nossa). A definição dada ao encontro é, portanto, a do abandono e, de fato, Michel é abandonado por sua esposa que decide se suicidar, após a descoberta de um câncer. Ela lhe pede para não deixar de amá-la e a maneira de tornar isso possível, de não deixar esse amor morrer, é amar outra mulher. Lydia, por sua vez, perdera recentemente sua filha pequena em um acidente de carro, sofrido pelo marido que sobreviveu. No entanto, impossibilitado pelas sequelas do acidente, ele vive como se estivesse morto.

Ambos se encontram por acaso e se conhecem à medida que a narrativa se desenrola, no espaço temporal de uma noite, e compartilham da impossibilidade de amar por amor, isto é, tanto Lydia quanto Michel são apenas o amor que sentem pelos seres amados ausentes, não lhes restou mais nada, são restos de suas circunstâncias e do seu destino. Portanto, o amor se apresenta como um impedimento para o próprio amar, de forma que o sentimento despertado entre eles não passe de um delírio causado pela dor.

– [...] E eu chamaria a sua atenção para o fato de eu também saber o seguinte: não basta ser infeliz sozinho para ser feliz a dois. Dois desesperos que se encontram podem até formar uma esperança, mas isso só prova que a esperança é capaz de tudo... Não vim aqui para mendigar... / Mentia, e isso era uma maneira de mendigar. [...]” (GARY, 1977, p. 26, tradução nossa).

Este trecho, uma vez mais, traz um argumento de cunho filosófico e que poderia ser longamente desenvolvido pela filosofia: o fato de ser infeliz sozinho não garante a felicidade a dois. Este argumento demonstra a lucidez de Michel que vacila diante dos seus sentimentos, sendo retratada através de um humor desesperado, uma vez que a lingua-

14. “*La fiction littéraire ne vise pas la vérité théorique comme telle. Le désir de vérité n’est pas le but premier du poète, et, en cela, il se distingue du philosophe.*” (VIEILLARD-BARON, 2012, p. 7).

15. “*La vérité était que la vie nous avait jetés aux orties, l’un et l’autre, et c’est toujours ce qu’on appelle une rencontre.*” (GARY, 1977, p. 11).

16. “– [...] *Et je vous ferais remarquer que je sais aussi ceci: il ne suffit pas d’être malheureux séparément pour être heureux ensemble. Deux désespoirs qui se rencontrent, cela peut bien faire un espoir, mais cela prouve seulement que l’espoir est capable de tout... Je ne suis pas venu ici pour mendier... Je mentais, et c’était encore une façon de mendier.* [...]” (GARY, 1977, p. 26).

gem irônica joga com os opostos “infeliz-feliz”, “desespero-esperança” e propõe a ideia de que o desespero é uma esperança desesperada ou de que a esperança é um desespero esperançoso, problematizando os limites e a porosidade entre esses dois conceitos.

Esse humor desesperado perpassa todo o romance, denotando o desespero das personagens frente à impossibilidade de se amar quem se ama, devido à inexistência do ser amado, e à possibilidade de amar o outro, diferentemente circunscrito nas mesmas circunstâncias.

O que nós tínhamos em comum se encontrava nos outros, mas nos unia na duração do tempo de uma revolta, de uma breve luta, de uma recusa ao infortúnio. Não era entre nós dois: era entre nós e o infortúnio. Uma recusa de se deixar esmagar, que assim seja. Sentia suas lágrimas no meu rosto. Sempre fui incapaz de chorar e era um alívio que ela me oferecia.<sup>17</sup> (GARY, 1977, p. 30, tradução nossa).

As personagens têm em comum, portanto, o amor. Nesse sentido, esse sentimento pode ser entendido como o tempo de uma revolta, uma breve luta e, principalmente, uma recusa ao infortúnio, à infelicidade, pois, para ambas, a tentativa de amar é vivida como um ato de resistência. Tal proposição poderia, igualmente, desencadear um longo desdobramento filosófico, sobretudo porque se sugere, em seguida, se tratar muito mais de não ceder ao infortúnio do que ao amor ao outro. A ironia, por sua vez, se configura como a manifestação formal do desespero da personagem; a incapacidade de chorar também desespera Michel, visto que a sensação das lágrimas de Lydia em seu rosto lhe proporciona alívio, no entanto, ainda assim é um momento tratado de maneira irônica.

Quanto ao amor em *L'angoisse du roi Salomon*, a manifestação que prevalece é a do amor desinteressado, cuja satisfação é a satisfação do outro, todos os esforços do amante se voltam para a felicidade do amado, de maneira que o romance se caracterize como um exercício de humanidade, e mesmo um desafio, pois a humanidade atinge sua plenitude quando se trata de restituir a humanidade ao outro. Assim, a personagem principal, Jean, vive o conflito de amar o próximo porque ele é humano e não porque lhe desperte qualquer sentimento além da compaixão: “eu achava que não era necessário amar alguém para amá-lo ainda mais<sup>18</sup>.” (GARY, 1979a, p. 154, tradução nossa).

Jean conhece Mlle Cora quando começa a trabalhar para Salomon Rubinstein, que mantém um *S.O.S. Bénévoles*, oferecendo reconforto 24h para pessoas angustiadas. Em sua juventude, esta senhora de sessenta e cinco anos desfrutou de alguns anos de

17. “Ce que nous avons de commun était chez les autres mais nous unissait le temps d'une révolte, d'une brève lutte, d'un refus du malheur. Ce n'était pas entre nous deux : c'était entre nous et le malheur. Un refus de s'aplatir sous les roues, d'ainsi soit-il. Je sentais ses larmes sur mes joues. J'ai toujours été incapable de pleurer et c'était un soulagement qu'elle m'offrait.” (GARY, 1977, p. 30).

18. “Je pensais qu'il n'était pas nécessaire d'aimer quelqu'un pour l'aimer encore plus.” (GARY, 1979a, p. 154).

glória como cantora, e as lembranças dessa época dão algum sentido à sua vida solitária. Mlle Cora rapidamente se apaixona por Jean, tamanha a sua carência de afeto, e ele, em um intuito de lhe proporcionar o conforto de se sentir amada, passa a ser o seu jovem amante, mesmo sem corresponder aos seus sentimentos.

Durou tanto quanto pude. Mantive a senhorita Cora como nunca tentei nada antes na minha vida. Mas não é possível amar alguma coisa mais do que tudo no mundo quando se trata de uma mulher que não se ama. Nunca deveríamos amar alguém sem amá-lo pessoalmente, apenas de maneira geral, contra a injustiça. E não podemos lhe explicar nada, nem dar no pé, é a covardia de fazer mal<sup>19</sup>. (GARY, 1979a, p. 217, tradução nossa).

A partir deste trecho, verifica-se, portanto, que o amor pode se manifestar também como um gesto de covardia, quando não se ama “pessoalmente”, mas humanamente, embora à falta de coragem esteja implicada uma incapacidade de fazer o mal, o que, por sua vez, implica uma conduta ética. Por outro lado, sendo a coragem um valor moral, a narração romanesca problematiza o quão complexa é a determinação do bem viver e do bem agir, haja vista todas as variáveis que envolvem uma boa conduta. Trata-se de uma boa conduta para quem e em que situação? Nesse sentido, segundo Chavel (2012, p. 14, tradução nossa): “a literatura desempenha [...] um papel particularmente importante para tornar visível o que passa despercebido no espaço público: ela traz à luz o interior de vidas singulares e pode, assim, combater a deformação de conceitos genéricos<sup>20</sup>.” Ademais o texto traz igualmente implícita a ideia de que o amor “pessoal”, aquele em que amamos muito mais por nós mesmos do que pelo outro, devido aos interesses individuais é mais apto a fazer o mal do que o amor humano, justamente por ser um amor que satisfaz, primordialmente, as necessidades e os desejos do amante.

O amor em *Gros-Câlin* se apresenta na forma da ausência de alguém para amar, é o amor que não se manifesta. O título do romance se reporta ao nome atribuído a uma jiboia, na qual Cousin, a personagem principal, projeta suas necessidades afetivas, e com a qual, de certa forma, as satisfaz, acabando por fazer da companhia do animal o principal motivo de sua solidão: “o número de mulheres que eu poderia ter tido se não tivesse uma jiboia em casa é absurdo. A dificuldade de escolher é uma angústia<sup>21</sup>.”

19. “Ça a duré autant que j’ai pu. Je retenais mademoiselle Cora comme je n’ai encore jamais rien essayé dans ma vie. Mais il n’est pas possible d’aimer quelque chose plus que tout au monde quand ça devient une femme qu’on n’aime pas. On ne devrait jamais aimer quelqu’un sans l’aimer personnellement, seulement en général, contre l’injustice. Et on ne peut rien lui expliquer ni foutre le camp, c’est la lâcheté de faire mal.” (GARY, 1979a, p. 217).

20. “La littérature joue [...] un rôle particulièrement important pour rendre visible ce qui passe inaperçu dans l’espace public : elle donne à voir de l’intérieur des vies singulières et peut ainsi combattre la torsion de concepts génériques.” (CHAVEL, 2012, p. 14).

21. “Le nombre de femmes que j’aurais eues si je n’avais pas un python chez moi, c’est fou. L’embarras du choix, c’est l’angoisse.” (GARY, 1974a, p. 77).

(GARY, 1974a, p. 77, tradução nossa). Por conseguinte, o desespero neste romance é, igualmente, expresso por meio da ironia, de maneira que a evolução da personagem no decorrer da narrativa se equivalha a evolução de seu desespero. Gros-Câlin exerce um papel contraditório na medida em que alivia a solidão de Cousin sem deixar de acentuá-la, porque, por um lado, a companhia do animal concretiza uma presença contraposta a ausência de todos os dez milhões de habitantes da cidade, o que faz alusão ao individualismo das metrópoles, onde a solidão é experimentada em meio à multidão, e, por outro, a presença do animal impossibilita a aproximação de mulheres e o contato com elas.

Na outra noite, tinha sonhado que o elevador tinha parado de funcionar entre dois andares e não se conseguia restabelecer seu funcionamento. [...] Acordei com uma angústia terrível, peguei Gros-Câlin e o coloquei sobre os meus joelhos, ele levantou a cabeça e me olhou com essa extraordinária expressão de indiferença que manifesta para me acalmar, quando sou dominado pela necessidade de afeto, uma indiferença total, como para me dizer que ele está ali, junto de mim, firme em seu posto, que tudo está como de costume<sup>22</sup> (GARY, 1974a, p. 113-114, tradução nossa).

A expressão “*en proie à l'affectivité*” que significa literalmente “como presa da afetividade”, ou ainda “como alvo da afetividade”, podendo esse sentido ser estendido ao ato de se encontrar dominado pela afetividade ou dominado pela necessidade de afeto, problematiza o fato de o indivíduo ser refém dos seus próprios sentimentos e a grande ironia do enredo consiste no tratamento de indiferença do animal para com o seu dono como se uma “extraordinária expressão de indiferença” ou, ainda, uma “indiferença total” pudesse ser entendida como uma forma de afeto e de atenção, porque advém de uma presença e de uma preocupação de acalmar, de um cuidado afetuoso. Nesse sentido, o romance coloca em cena questões filosóficas como a solidão e a afetividade. A personagem principal, portanto, se define por um excesso de falta de amor, vacilando entre a ausência do ser amado e o excesso de amor:

Eu andava pelas ruas da grande Paris com o lenço, chapéu, sobretudo e um copo de água e me sentia um pouco melhor por causa da coragem do desespero. Lamentava, naquele momento, não ter feito amor com uma puta – repito pela última vez, ou vou me aborrecer, que entendo essa palavra em seu sentido mais nobre e feliz – pois eu sentia um excesso de material de guerra de mim mesmo devido à ausência e ao nada, dos quais apenas a ternura e um doce abraço podiam me livrar. Quando se começa a tender a zero, sente-se cada vez mais e não cada vez menos. Quanto menos

22. “L'autre nuit, j'avais rêvé que l'ascenseur était tombé en panne entre deux étages, on n'arrivait pas à le remettre en marche. [...] Je me suis réveillé avec une angoisse terrible, j'ai pris Gros-Câlin sur mes genoux, il a levé la tête et m'a regardé avec cette extraordinaire expression d'indifférence qu'il manifeste pour me calmer, lorsque je suis en proie à l'affectivité, une indifférence totale, comme pour me dire qu'il est là, auprès de moi, solide au poste, que tout est comme d'habitude.” (GARY, 1974a, p. 113-114).

existimos, mais sobramos. A característica do menor é seu caráter excedente. [...] É o que se chama um estado de alma causado pela ausência. As prostitutas representam, portanto, uma assistência bem conhecida, mas que se omite e se despreza para evitar a alta do preço<sup>23</sup> (GARY, 1974a, p. 224, tradução nossa).

Nesta última passagem em que Cousin está andando pelas ruas de Paris, a menção aos acessórios da personagem intensifica a sua solidão. Cousin nunca está acompanhado, restando-lhe apenas a “companhia” das coisas que carrega no próprio corpo e, mesmo quando se sente melhor, tira forças do próprio desespero. Evidentemente que a “coragem do desespero” é uma expressão irônica para expressar como o sofrimento é maior e mais resistente do que a personagem para problematizar a complexidade de seu estado emocional. A “coragem do desespero” ao associar um estado de alma a um valor moral assinala, sobretudo, os limites da linguagem para nomear as manifestações da alma e a porosidade existente entre elas.

Para concluir essa breve análise sobre as formas de amor encontradas nos romances de Romain Gary, este último excerto sugere, de acordo com o contexto da obra, que o amor é o que concede sentido à vida, haja vista Cousin não amar e nem ser amado e “tender a zero”, “aproximando-se do nada” existencial. Sob esse mesmo prisma, problematiza-se a necessidade de sentir para ser e, por esta razão, a ausência de afetos aniquila o indivíduo que não consegue ser si mesmo, visto que a impossibilidade de amar impede o desenvolvimento da plenitude do eu. Esse excerto também sugere que as relações são uma forma de aliviar o excesso de si mesmo e, nesta perspectiva, o amor, ao proporcionar equilíbrio, poderia ser considerado a medida da existência. Por fim, a ironia se acentua ao final da passagem para fazer uma provocação: a omissão e o desprezo com que se trata as prostitutas não se trata de uma questão moral, mas de uma questão de mercado, afinal, como afirma o narrador garyano do romance *Gros-Câlin*: “se não fosse possível comprar o amor com dinheiro, o amor perderia muito do seu valor e o dinheiro também<sup>24</sup>.” (GARY, 1974a, p. 229, tradução nossa).

---

23. “Je marchais dans les rues du grand Paris avec mon foulard, mon chapeau, mon pardessus et mon verre d'eau et je me sentais un peu mieux, à cause du courage du désespoir. Je regrettais à présent de ne pas avoir fait l'amour avec la bonne pute – je répète pour la dernière fois, ou je vais me fâcher, que je prends ce mot dans son sens le plus noble et le plus heureux – car j'éprouvais un surplus américain de moi-même pour cause d'absence et de zéro, dont seules la tendresse et une douce étreinte pouvaient me débarrasser. Lorsqu'on tend au zéro, on se sent de plus en plus, et pas de moins en moins. Moins on existe et plus on est de trop. La caractéristique du plus petit, c'est son côté excédentaire. Dès que je me rapproche du néant, je deviens en excédent. [...] C'est ce qu'on appelle un état d'âme, pour cause d'absence. Les bonnes putes sont alors d'un secours bien connu mais que l'on passe sous silence et sous mépris, pour éviter la hausse des prix.” (GARY, 1974a, p. 224).

24. “Si on ne pouvait pas acheter de l'amour avec de l'argent, l'amour perdrait beaucoup de sa valeur et l'argent aussi.” (GARY, 1974a, p. 229).

## Considerações finais

A abordagem filosófica do texto literário permitiu demonstrar como a representação de um conflito romanesco, muitas vezes, apreende o tratamento de um problema filosófico, haja vista o intuito de analisar as formas de amor evidenciadas nos romances de Romain Gary. Tal análise elucidou a manifestação dessas formas a partir do estilo do romancista e do modo como os seus elementos se articulam na construção dos sentidos.

No que concerne ao estudo sobre o amor iniciado neste trabalho, podemos concluir que são justamente todos os fatores de impedimento da experiência amorosa que permitem pensá-lo e analisá-lo. Sendo assim, a lucidez das personagens é uma condição da falta de amor e, por consequência, ainda que contraditoriamente, o amor que não se realiza possibilita um maior conhecimento a respeito da maneira como se ama, como se amar consistisse em uma eterna tentativa, um esforço, “uma recusa de se deixar esmagar”, muito mais um meio do que um fim em si mesmo. O inacessível que se deve fabricar.

Ademais, quanto à ironia mencionada em alguns pontos desse estudo, de acordo com a definição filosófica, proposta por Jankélévitch (1964, p. 18-19, tradução nossa), segundo a qual “a ironia é a consciência da revelação pela qual o absoluto, em um momento fugidio, se realiza e da mesma forma se destrói; e a arte não é mais nada além do instante da passagem, a bela e frágil aparência que, simultaneamente, exprime e aniquila a ideia<sup>25</sup>”, concluímos que, na obra romanesca de Romain Gary, é esse elemento estilístico que dá forma à lucidez das personagens, atribuindo ao conteúdo ficcional e narrativo seu caráter filosófico. A ironia, portanto, consiste em uma forma de ambiguidade que faz apelo às emoções, especialmente à surpresa; é a “consciência da revelação” por meio da qual o absoluto se materializa e a verdade se faz ver, mas que se destrói porque o absoluto é fruto do entendimento e, por isso, é efêmero, supera sua forma expressiva que permanece. Jankélévitch contribui, igualmente, para a conclusão de que a literatura, enquanto produção artística, permite plasmar o “momento fugidio”, “o instante da passagem”, ou seja, o texto literário capta o movimento, o processo, sendo este aspecto que se sobressai quando literatura e filosofia estabelecem um diálogo.

Um estudo por meio da literatura de uma questão filosófica como o amor contribui, portanto, para uma tentativa de responder a pergunta: “O que a vida tem para nos fazer engolir tudo e ainda pedir mais?”, questionamento cuja resposta é singular o bastante para, conseqüentemente, ajudar a compreender o motivo de manifestações afetivas tão diversas serem inscritas sob a mesma designação de amor.

---

25. “L’ironie, c’est la conscience de la révélation par laquelle l’absolu, dans un moment fugitif, se réalise et du même coup se détruit ; et l’art n’est rien d’autre que l’instant du passage, la belle et fragile apparence qui, à la fois, exprime et anéantit l’idée.” (JANKÉLÉVITCH, 1964, p. 18-19).

## Referências

CHAVEL, S. *Martha Nussbaum et les usages de la littérature en philosophie morale*. Revue philosophique de la France et de l'étranger, vol. 137, no. 1, 2012, pp. 89-100. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-philosophique-2012-1-page-89.htm>. Acesso em: 01 jul 2021.

GARY, R. *L'angoisse du roi Salomon*. Paris: Mercure de France, 1979a.

GARY, R. *Les clowns lyriques*. Paris: Gallimard, 1979b.

GARY, R. *Clair de femme*. Paris: Gallimard, 1977.

GARY, R. *Pseudo*. Paris: Mercure de France, 1976.

GARY, R. *Gros-Câlin*. Paris: Mercure de France, 1974a.

GARY, R. *La nuit sera calme*. Paris: Gallimard, 1974b.

JANKÉLÉVITCH, V. *L'ironie*. Paris: Flammarion, 1964.

NUSSBAUM, M. *Love's knowledge : essays on philosophy and literature*. New York: Oxford University Press, 1990.

VIEILLARD-BARON, J.-L., *Littérature et philosophie*. Revue philosophique de la France et de l'étranger, vol. 137, no. 1, 2012, pp. 3-13. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-philosophique-2012-1-page-3.htm>. Acesso em: 01 jul 2021.